

ENTREVISTA COM DIRK OESSELMANN: COVID-19 NA ALEMANHA

Rosângela Araújo Darwich[i]

Dirk Oesselmann possui graduação em Teologia pela Universidade de Göttingen (1987), mestrado em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (1991) e doutorado em Educação pela Universidade de Hannover (1998). Viveu no Brasil, em São Paulo e Belém, entre os anos de 1987 e 2004. Além de professor, é responsável pelo setor de internacionalização da EH-Freiburg e coordenou as atividades de intercâmbio realizadas em 2018 - e adiadas em 2020 -, das quais participaram - e participarão - professores e estudantes da Universidade da Amazônia (UNAMA).

A Revista Asas da Palavra entrevistou, por e-mail, o professor Dirk Oesselmann, da Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg (EH-Freiburg), utilizando a Internet para cruzar o oceano Atlântico e falar de pandemia no meio do mês de agosto de 2020.

Em uma manchete do UOL de 18 de agosto, há a seguinte informação: “com 1.365 novas mortes em 24 h, Brasil ultrapassa 110 mil óbitos por covid”. Na Alemanha, que não conheceu situação de colapso no sistema público de saúde e recebeu pacientes de países vizinhos em seus hospitais, estava havendo um aumento no número de casos notificados. No dia 20 de agosto, 9.253 pessoas haviam morrido naquele país de cerca de 83 milhões de habitantes, em decorrência de contaminação pelo coronavírus - proporcionalmente, cinco vezes menos do que aqui.

Considerando a pandemia de COVID-19, algumas ocorrências merecem destaque no caso específico da Alemanha, como a adesão ampla aos direcionamentos do governo, a disposição solidária dos cidadãos e a valorização dos serviços essenciais. Esses são pontos destacados pelo professor Dirk Oesselmann, que conversou conosco também acerca de alterações ocorridas na vida acadêmica e sobre o que se pode esperar de um “novo normal”.

da palavra

Quais características você considera que a pandemia de COVID-19 assumiu no caso da Alemanha?

- Adesão ampla aos direcionamentos do governo

Inicialmente, a pandemia foi percebida como algo localmente controlável. Ainda no início de março, havia uma atmosfera de normalidade. O prefeito de minha cidade, por exemplo, ainda partiu no dia 8 de março 2020 para uma viagem para América Central, numa visita a uma cidade parceira. Por acaso, viajei no mesmo avião para o Panamá.

Essa situação mudou completamente em poucos dias com o aumento dos casos de infectados. Decretou-se pelo governo, em meados de março, um lockdown em nível nacional. A vida social tornou-se um perigo. Fecharam-se creches, escolas, lojas, restaurantes; em público, as pessoas tinham que observar uma distância de pelo menos 1,5 metro entre elas. Surgiram muitos desafios e dificuldades que afetaram principalmente o cotidiano de grupos de risco, como idosos, que tiveram que ser isolados, e profissionais que tinham que cuidar dos filhos.

A adesão da população foi ampla. Decisivo para isso foi a forma como o governo comunicou publicamente as medidas, destacadamente uma fala da primeira ministra Angela Merkel, no dia 18 de março. A fala foi marcada por uma justificativa transparente de cada uma das medidas e por um apelo à solidariedade, especialmente para com as pessoas de grupos de risco.

Havia e há discussões públicas em relação à necessidade e abrangência de muitas das medidas até hoje, em fins de agosto. Foram afetadas muitas áreas econômicas e sociais, mesmo com amplos apoios financeiros oferecidos pelo governo. No geral, no entanto, a adesão continua ampla, de aproximadamente 90% das pessoas.

- Disposição solidária e valorização dos serviços necessários

Acochado à adesão e à confiança nas medidas decretadas pelo governo, houve, principalmente nos primeiros meses do lockdown, um crescente sentimento de solidariedade diante dos mais afetados e das pessoas de grupos de risco. Os jovens e todos aqueles em um bom estado de saúde não precisavam temer tanto as consequências da COVID-19, mas aderiram e se comportaram de modo solidário porque era uma questão de proteção aos mais vulneráveis. A competição inicial por materiais de proteção, desinfetantes ou papel higiênico (!) em nível pessoal, nacional e até mesmo internacional, deu lugar à percepção de que a pandemia só poderia ser vencida em conjunto.

Esse sentimento de solidariedade mudou um pouco com o passar do tempo. Agora há alguns grupos que se opõem a portar máscara de proteção em lugares públicos, por isso limitar sua liberdade. Mas estes são uma grande minoria.

Mudou também a visão pública de serviços públicos. A necessidade de serviços nas áreas de saúde, de educação, social, de cuidados ao idoso, de supermercados e produção de bens primários ficou em evidência. Todos esses trabalhadores receberam muitos aplausos públicos. Resta saber se as promessas de melhores salários serão cumpridas.

- Questionamento ao estilo de vida

Uma discussão muito interessante desencadeada pela COVID-19 foi sobre o estilo de vida na Alemanha. Quando o lockdown paralisou tudo, surgiu a questão de saber se antes não estávamos correndo de evento em evento pela vida. O medo do que mais poderia acontecer nos fez perguntar o que é realmente necessário para se viver. A discussão está, compreensivelmente, longe de estar terminada - as questões levantadas trarão, espera-se, novos horizontes.

Quais mudanças foram efetuadas na EH-Freiburg ao longo dos meses de pandemia?

As aulas do semestre de verão começaram no início de abril. Pouco antes, havia sido decretado o fechamento de todas as instituições de ensino. Tivemos que mudar, em duas semanas, para o ensino remoto, preparando materiais de ensino adequadamente, com tarefas on-line e videoconferências. Já havia uma plataforma de organização de estudos on-line com a qual a maioria dos docentes estava familiarizada. Foi um desafio encontrar um programa bom e estável para as videoconferências que também atendesse aos requisitos de proteção de dados.

Apesar de muitas dificuldades técnicas, devemos dizer, em retrospectiva, que essas mudanças também tiveram efeitos de aprendizagem muito positivos. Nós, docentes, estamos agora muito mais familiarizados com o ensino remoto que, por exemplo, pode e deve trazer um grande dinamismo em termos de relações internacionais no ensino.

No entanto, estamos cientes de que o ensino remoto não pode substituir o ensino em sala de aula. Isto é especialmente verdadeiro para nossos cursos nos campos social e educacional, onde trabalhamos muito com a personalidade dos estudantes e as relações entre eles. Por isso, foi um alívio que, no final de maio, pudemos voltar ao ensino presencial em pequenos grupos.

Para o novo semestre, que começa no início de outubro, planejamos 50% de ensino presencial e 50% de ensino remoto. A pura transferência de conhecimento será então cada vez mais feita através de apresentações gravadas e disponibilizadas on-line. O processamento, a reflexão e a discussão dos conhecimentos à luz da experiência prática serão realizados em pequenos grupos no ensino em sala de aula.

Quais reações os estudantes têm manifestado acerca das mudanças derivadas da pandemia?

Os estudantes disseram quase todos que sentiram muita falta do ensino presencial e do contato com os docentes e os colegas. Muitos deles também tiveram dificuldade em acompanhar o ensino remoto, seja devido a problemas técnicos ou por causa de trabalho familiar adicional, por exemplo, como cuidar de filhos ou dos pais.

Nossa observação, por parte dos docentes, é que alguns estudantes lidaram muito bem com a situação, por exemplo, porque poderiam deixar de fazer longas viagens. Em outros casos, os estudantes simplesmente se ausentaram - perdemos o contato com eles e não sabemos como está ocorrendo o progresso de seus estudos porque os prazos para a entrega de trabalhos avaliativos também foram suspensos. Este será um desafio no novo semestre, dada a necessidade de acompanhar esses estudantes de uma maneira especial.

Que impactos você percebeu no desenvolvimento do seu trabalho como professor?

Em alguns momentos cheguei perto de um colapso nervoso, como quando, em uma importante videoconferência, a conexão se rompeu repentinamente. Em outros momentos, fiquei grato pela sensibilidade e pelo comprometimento dos estudantes em reagir à situação desafiadora. No início de junho, por exemplo, eles organizaram um workshop internacional de cinco dias, completamente on-line. Nele, Mário Vasconcellos e João Arroyo, professores da UNAMA, deram uma contribuição importante. Foi fantástico ver com quanta garra, criatividade e competência os estudantes conseguiram fazer isso. E o resultado foi muito bom - isso me impressionou muito.

Creio que nós, professores, percebemos que também temos que trabalhar com outros meios de comunicação. Conseguimos aprender muito sobre as vantagens deles, mas também percebemos claramente onde o ensino presencial não poderia ser substituído. Portanto, é um processo de aprendizagem e amadurecimento.

Quais mudanças derivadas do período de pandemia você considera que serão incorporadas à rotina universitária?

Com uma maior confiança no ensino remoto e o estabelecimento de possibilidades técnicas correspondentes, espero um grande impulso, especialmente para a cooperação internacional em muitos níveis. Em todo caso, pediremos aos professores da UNAMA que contribuam, compartilhando conosco seus pontos de vista em videoconferências. E espero que o oposto aconteça também com mais frequência. Essas conexões também aumentarão a competência em línguas estrangeiras de ambos os lados.

O que você pensa do termo “novo normal”? Na sua opinião, existe um “novo normal” na sua cidade ou mesmo na Alemanha?

Há efeitos negativos e positivos das vivências em 2020 sobre a normalidade das relações entre as pessoas. Um ponto negativo é que a proximidade de outras pessoas está emocionalmente ligada a uma desconfiança subliminar de uma possibilidade de infecção. Isto torna os encontros menos espontâneos e ergue barreiras invisíveis. Além disso, existe o perigo de que as pessoas reajam de forma mais agressiva ao não uso de máscaras pelos outros. Afinal, estes servem para proteger a todos.

Em geral, é claro que também é negativo que as liberdades sejam drasticamente restringidas, por exemplo, para encontros sociais, quando se trata de grupos de risco, ou para viajar para o Brasil. Todas as atividades em público se encontram sob o signo de possíveis perigos.

Mas também há efeitos positivos em tais situações. Uma nova consciência de tudo o que antes era tomado como certo e garantido: uma maior atenção aos riscos em que vivem as pessoas ao nosso redor, um repensar das próprias exigências no horizonte de uma responsabilidade pelo desenvolvimento de toda a sociedade, uma concentração no que é realmente importante em nível pessoal, espiritual e social.

[i] Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Psicologia da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutora em Psicologia: Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (PPGTPC/UFGPA) e especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental (CENSUPEG). Estágio pós-doutoral na Universidade Protestante de Ciências Aplicadas de Freiburg, na Alemanha. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7325-9097>
E-mail: rosangela.darwich@unama.br